

SUPORTES, INSTRUMENTOS E TEXTOS DE ALUNOS E PROFESSORES EM MINAS GERAIS: INDICAÇÕES SOBRE USOS DA CULTURA ESCRITA NAS ESCOLAS NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

Resumo

O artigo repertoria materiais relacionados à cultura escrita nas escolas e aborda a relação entre a cultura material e possíveis usos da escrita por professores e alunos da província de Minas Gerais, no final do século XIX e início do século XX. A pesquisa supõe que há relações entre materialidades existentes na produção, circulação e distribuição dos instrumentos e suportes e a escolarização da escrita. As fontes utilizadas são correspondências trocadas no período de 1883 a 1930 que se referem a pedidos de instrumentos de escrita e de suportes, alguns mapas produzidos por professores, catálogos do Centro de Referência do Professor e estudos sobre a História da Educação em Minas Gerais. Os dados permitem explorar duas vias de análise: indícios da escrita burocrática e institucional produzida por professores e as possíveis escritas de alunos no período analisado.

Palavras-chave: cultura escrita; história da educação; educação em Minas Gerais.

SUPPORTS, INSTRUMENTS AND TEXTS BY STUDENTS AND TEACHERS IN MINAS GERAIS: INDICATION OF THE USE OF WRITING CULTURE IN SCHOOLS IN THE END OF THE 19TH CENTURY AND BEGINNING OF THE 20TH CENTURY

Abstract

The article brings up materials connected to the writing culture in schools and it deals with the relation between culture material and any possibility of the use of it in the writing process by teachers and students in Minas Gerais, in the end of the 19th century, and beginning of the 20th century. The research presumes that there are some relation between living materiality which concerns to production, circulation, and distribution of the instruments, support and handwriting school rules. The sources used in the research are exchanged mail during 1883 to 1930, which refers to a solicitation of some writing tools and of supports, some maps produced by

teachers, catalogues from Centro de Referência do Professor, and some studies on the History Education in Minas Gerais. These data allow us to explore two ways to analyse evidences of bureaucratic writing and institutional writing produced by teachers and the students' handwriting from the analysed period.

Keywords: written culture; history of education; education in Minas Gerais.

**SOPORTES, INSTRUMENTOS Y TEXTOS DE
ALUMNOS Y PROFESORES EN MINAS GERAIS:
INDICACIONES SOBRE USOS DE LA CULTURA
ESCRITA EN LAS ESCUELAS EN EL FINAL DEL SIGLO
XIX E INÍCIO DEL SIGLO XX**

Resumen

El artículo hace referencia a materiales relacionados a la cultura escrita en las escuelas y aborda la relación entre la cultura material y posibles usos de la escrita por profesores y alumnos de la provincia de Minas Gerais, a fines del siglo XIX e inicio del siglo XX. La pesquisa supone que haya relaciones entre materialidades existentes en la producción, circulación y distribución de los instrumentos y soportes y la escolarización de la escrita. Las fuentes utilizadas son correspondencias cambiadas en el período de 1883 a 1930 que se refieren a pedidos de instrumentos de escrita y de soportes, algunos mapas producidos por profesores, catálogos del Centro de Referência del Profesor y estudios sobre la Historia de la Educación en Minas Gerais. Los datos permiten explorar dos vías de análisis: indicios de la escrita burocrática e institucional producida por profesores y las posibles escritas de alumnos en el período analizado.

Palabras clave: cultura escrita, historia de la educación, educación en Minas Gerais

**SUPPORTS, INSTRUMENTS ET TEXTES D'ÉLÈVES ET
DE PROFESSEURS EN MINAS GERAIS: DES
INDICATIONS SUR L'USAGE DE LA CULTURE ÉCRITE
DANS LES ÉCOLES À LA FIN DU XIX^{ÈME} SIÈCLE ET AU
DÉBUT DU XX^{ÈME} SIÈCLE**

Résumé

Cet article répertorie des matériels qui ont des rapports à la culture écrite dans les écoles et aborde la relation entre la culture matérielle et les usages possibles de l'écrit par des professeurs et des élèves dans la province de Minas Gerais, à la fin du XIX^{ème} siècle et au début du XX^{ème} siècle. La recherche suppose qu'il y a des rapports entre des matérialités existantes dans la production, dans la circulation et dans la distribution des instruments et des supports et la scolarisation de

l'écrit. Les sources utilisées sont le courrier échangé entre 1883 et 1930 qui se rapporte aux demandes d'instruments d'écriture et de supports, quelques cartes produites par des professeurs, des catalogues du Centre de Référence du Professeur et des études sur l'Histoire de l'Éducation en Minas Gerais. Les données permettent d'explorer deux voies d'analyse: des indices de l'écriture bureaucratique et institutionnelle produite par des professeurs et les documents possiblement écrits par des élèves dans la période analysée.

Mots-clés: culture écrite; histoire de l'éducation; éducation en Minas Gerais.

Na tentativa de conhecer os processos de seleção, aquisição e distribuição das cartilhas para alfabetização nas escolas mineiras temos nos utilizado outras fontes, além da análise material dos livros conservados. Nesse sentido nossas investigações têm incorporado dados encontrados no Fundo de Instrução Pública (FIP) do Arquivo Público Mineiro (APM) que se referem aos pedidos, solicitações de livros e correspondências sobre envio de manuais escolares para as escolas mineiras, por parte da Secretaria de Instrução Pública.

A busca de dados sobre livros acaba nos levando aos outros materiais e a outras questões de pesquisa. Se parte das correspondências nos serviu para pesquisar livros, encontramos, nas mesmas fontes, indícios para problematizar questões mais amplas referidas aos usos escolares da cultura escrita em Minas Gerais. Com esta nova problemática foi preciso voltar ao arquivo e, muitas vezes, aos mesmos documentos, buscando vestígios de outras materialidades envolvidas nas práticas de ler e escrever. Estamos também desenvolvendo uma pesquisa em mapas, pareceres e outros documentos do APM que possam indicar formas de escolarização e práticas desenvolvidas por professores e alunos em torno da escrita¹.

Neste trabalho serão analisadas como fontes algumas correspondências trocadas no período de 1883 a 1930, no âmbito da Província de Minas Gerais, na forma de pedidos de instrumentos e suportes relacionados às práticas de escrita. Para recuperar escrita de alunos e professores foram também utilizados dois catálogos de exposição produzidos pelo Museu da Escola, do Centro de Referência do Professor da Secretaria Estadual de

¹ O termo alfabetização é uma construção social e muitos documentos do final do século XIX e início do século XX fazem referência à leitura, escrita, escrever, ler, entre outras expressões. Neste texto será utilizado o termo ensino da escrita, numa concepção mais ampla de cultura escrita e de sua escolarização, para designar tanto a utilização de suportes e instrumentos para escrever, como algumas habilidades de ler e escrever.

Minas Gerais. Mapas produzidos por professores antes do último quartil do século XIX e estudos que abordam os registros escolares e normatizações, sobretudo os trabalhados por Inácio *et al* (2006)² são utilizados para compreender a institucionalização da escola e algumas formas de escolarização dos conteúdos da escrita.

A metodologia se concentra na análise do conteúdo de algumas correspondências referentes a pedidos de diferentes materiais escolares à diretoria de Instrução Pública da província de Minas Gerais. Os registros oficiais encontrados foram categorizados no sentido de dar visibilidade a um esboço de repertório de materiais relacionados ao uso da cultura escrita nas escolas. A partir dos materiais e de outras fontes, como escrita de alunos e mapas escolares, busca-se estabelecer algumas relações entre instrumentos e suportes de escrita que foram solicitados e a cultura escrita escolar do período. Mesmo observando a necessidade de muita cautela para analisar as fontes alguns pedidos também permitem inferir possíveis usos e conteúdos da escrita nas escolas. Os dados permitem explorar duas vias de análise: as possíveis escritas de alunos no período analisado e indícios da escrita burocrática e institucional produzida por professores.

Neste trabalho parte-se do mesmo pressuposto de Vidal(2005)³ que cita Anne-Marie Chartier e De Certeau para nos alertar sobre o perigo de acreditar que, a partir da observação dos objetos, podemos inferir seus usos e também para o risco de deduzir fazeres a partir do estudo dos objetos. O principal referencial teórico utilizado é fundado nos pressupostos da História Cultural que investiga aspectos relacionados a

² INÁCIO, Marcilaine Soares, FARIA FILHO, Luciano Mendes, ROSA, Walquíria Miranda e SALES, Zeli Efigênia Santos de Sales. *Escola, Política e Cultura*. Belo Horizonte: MG. Argumentvm. 2006

³ VIDAL, Diana. *Culturas escolares*. São Paulo. Autores Associados. 2005

materialidades existentes na produção, circulação e distribuição da cultura escrita na sociedade⁴.

Algumas perguntas permitiram construir categorias para analisar os dados: o que o conteúdo das correspondências revela sobre o funcionamento da cultura escrita nas escolas mineiras no final do século XIX e início do século XX? Sobre a escrita de alunos: com que se escreve, em quais suportes e o que se escreve? Sobre a escrita de professores: que tipo de registro escrito produzem? Que funções cumprem esses registros?

Suportes e instrumentos para escrita de alunos

Inácio *et al*(2006:45) citam compêndio de Marink sobre o método mútuo, escrito em 1828, em que aparece a prescrição de determinados materiais didáticos relacionados às práticas de escrita: “*huma collecção de tabellas [...] canetas, pedras, pennas, lápis, papel, tinta, esponja*”. Muitas vezes, quando procuramos distinguir materiais e usos da escrita, buscando descobrir uma pedagogia da escrita, não devemos nos esquecer de que a própria escola se confunde com a escrita, atividade que ultrapassa o ensino deste objeto. Entre diferentes funções, a escrita pode ocupar um valor instrumental e a escola também pode se utilizar a escrita como forma de ocupação dos alunos, ou seja, como dispositivo disciplinar. Sendo assim precisamos ter em conta estas diversas funções cumpridas pela cultura escrita na escola, ao buscar distinguir seu lugar como componente do ensino e objeto a ser ensinado.

Por outro lado, pode-se dizer ensino da leitura e da escrita na escola, no século XIX pode ter sido fortemente

⁴ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994 e Roger Chartier (coord.): *As utilizações do objeto impresso*. Alêgs: Portugal: Difel, 1998, entre outras obras do mesmo autor.

influenciado pela materialidade dos suportes e instrumentos. Citando Tanck de Estrada, Vidal e Gvirtz (1998) apontam que, na Nova Espanha era reservado às crianças que já sabiam ler a tarefa de escrita e que crianças mais novas não podiam manusear a pena. Além disso papel era muito caro. Para este autor, apenas ao final do século XIX e início do século XX é que se pôde ensinar simultaneamente a leitura e a escrita, mediante o barateamento do papel. Anne Marie Chartier (2007:114)⁵ revela também que há relações entre suportes e instrumentos e o ensino simultâneo de leitura e escrita que começa a se consolidar na França entre 1860 a 1880.

Outra faceta que precisa ser dimensionada é a da força pedagógica dos métodos de ensino de cunho organizativo da classe que podem ter mais centralidade do que os conteúdos que se ensina. Os materiais relacionados à escrita podem ter valor específico, pela função organizativa que cumprem, daí não se pode tratar como equivalente a discussão sobre métodos de ensino e estratégias para ensinar a escrita.

Por outro lado, o uso de determinados suportes é que pode indicar níveis de trabalho com a escrita, conforme mapa de uma escola de ensino mútuo em São João Del Rey, registrado em 1827, citado por Inácio *et al* (2006:58). Neste mapa percebe-se claramente uma relação entre suporte e tipo de classe, embora não se saiba o que se escreve: *1ª classe: banco de areia; 2ª classe: escripturação em pedra; 3ª classe: dos adiantados que escrevem em papel.*

De acordo com os estudos de Inácio (op. cit.) os materiais pedidos até meados do século XIX parecem se ligar às normatizações relativas à implementação do ensino mútuo ou monitorial, que mediante a ajuda de monitores, visava ensinar diferentes conteúdos, a diferentes tipos de alunos, numa mesma classe e com um número elevado de alunos. Neste tipo de

⁵ CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

organização pretendido, os mesmos autores indicam que “cada matéria ensinada baseava-se em um programa preciso e organizado, distribuído em função das classes que compunham a escola” (P.45). Em seguida apresentam uma descrição de situações de escrita na primeira classe prescritas por Marink:

Trabalho da 1ª classe no banco

Defronte deste 1º banco se pendurará na frente do professor duas tabellas, com o alfabeto manuscrito de caracteres intelligíveis, e outra com os algarismos numéricos de 1 a 9 com a mesma circunstância.

O monitor desta classe logo que o professor manda principiar o trabalho levanta-se tomando um ponteiro se postará à frente do seu banco, e mostrando na tabella qualquer letra, v.g - a - dirá - formar a -, ficando com o ponteiro de maneira que os meninos a vejam.

Os meninos então, trazendo as mãos direitas sobre o tableiro, com os pequenos ponteiros descreverão a letra designada; e se algum duvidar por onde deve principiar a forma-la, o monitor passando pela recta-guarda do banco lhe pegará a mão, e com vagar escreverá, a fim de que o menino outra vez não duvide a maneira de sua construção.

Formada esta letra por todos os alumnos, o monitor perguntará ao primeiro menino o nome da letra que formou; se este não souber, perguntará ao segundo; no fim só no cazo que todos ignorem, he que elle monitor a nomeará, e apoz disto destruirá a letra formada com o instrumento próprio, fazendo nesta ocasião os meninos retirar as mãos do tableiro.

Concluída esta acção, mandará elle formar ou a mesma, ou outra qualquer letra. Com a mesma formalidade se descrevem os algarismos, guardando em toda a extensão as regras a cima referidas.

Se movimentos e tempos do ensino da escrita são semelhantes ao ensino da aritmética e se os sinais e apitos eram dados de forma ritmada para mudança de tarefa, o banco de areia e sua escrita efêmera era o único, nas prescrições de Marink, cuja

escrituração dos alunos ia no ritmo determinado pelo ato de formar e destruir letras.

Por outro lado, sem que tenhamos acesso às apropriações, mas para além da prescrição, são os pedidos e envios que podem atestar a presença de instrumentos, suportes utilizados para escrever e ler no cotidiano escolar. Mediante estudos de uma cultura material escolar, indiciada em inventários de pedidos e remessas, podemos indagar sobre práticas que configuram uma cultura escolar, em geral, uma cultura escolar que se utiliza da escrita e uma cultura relacionada ao ensino da escrita.

Os estudos de Luciano Faria Filho⁶ sobre a construção de espaços e tempos escolares abordam a sua relação primeiramente com o método mútuo e, depois, com o método intuitivo e simultâneo, ressaltando que paralelamente à construção de espaços próprios, “a escola, sobretudo no final do século XIX, vai sendo invadida por um arsenal inovador de materiais didático pedagógicos (quadros negros, lousas individuais, cadernos, livros...)” (p.146).

Em períodos posteriores vamos perceber uma diversificação dos materiais, uma relação entre bancos e método de ensino mútuo e entre carteiras e método de ensino simultâneo, além de uma crescente presença da cultura do livro impresso nas classes, sobretudo quando estas se tornam seriadas.

Nos pedidos reproduzidos a seguir o número bem maior e equivalente de pedidos de canetas e de lápis também indica uma apropriação mais individualizada de novos instrumentos pelos alunos, em relação ao que se pedia no último quartil do século XIX, apesar da permanência de pedido de lousas, carteiras e bancos que ainda estão presentes nas duas primeiras décadas do século XX. São pedidos muitos litros de tinta e caixas de pena e de canetas, mas ainda se demanda, simultaneamente, lápis para papel

⁶ Luciano Faria Filho. “Instrução elementar no século XIX”, em Eliane Teixeira Lopes et al. *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte. Autêntica. 2000. pp. 22-30

e lápis para lousa. A análise dos instrumentos de escrita (lápis para lousa, pena e lápis para papel) permite verificar que convivem também suportes de escrita reutilizáveis (lousa) e não reutilizáveis (caderno e papel), o que dá ao registro escrito escolar produzido pelos alunos, um caráter ora visível, ora efêmero.

Grupo Escolar de Arassuahy
 Relação dos Livros Didacticos e material escolar a que se refere o officio desta data.
 5 Livros para ponto diario.
 1 contador mēcanico.
 24 "Leitura Preparatoria" de F. Vianna
 20 "Contos Patrios" de C. Netto e O. Bilac.
 4 Caixas de Giz de Cōr.
 24 Litros de Tinta Preta.
 200 Canetas.
 200 Lapis pretos.
 36 Lapis de cōr.
 50 Colleções de cadernos de letra vertical.
 20 "cultura dos campos" de A. Brasil.
 Secretaria do Interior (5 ou 7) de fevereiro de 1912

x.x.x.x.x.x.x

Remessa de Material Escolar
 "Para a Escola da Colonia Affonso Pena regida por D.
 Francisca F. Alves Costa"
 1 livro em branco para actos, termos de visita
 1 caixa de penas
 1 litro de tinta (...)
 10.06.912
 Gomes Horta
 Inspector Escolar

x.x.x.x.x.x.x

Remessa de material
 "Para a escola da Colonia Carlos Prates"
 3 dusias de lapis de pedra
 16 cadernos em branco para copia
 36 cadernos de Calligraphia Americana, n° 1 e2
 8 livros de leitura de Julia Lopes de Almeida

16 cartilhas analyticas de Francisco Vianna ou de
Lindolpho Gomes.
Um mappa do estado de Minas.
A professora Maria da Conceição Britto
Visto 19-03-912
Gomes Horta

Uma aproximação com a escrita dos alunos

Comentando sobre as condições de difusão da escrita na França, a partir da primeira metade do século XIX e sobre as grandes reformas que possibilitaram que o ler-escrever e contar fossem instrumento essencial de uma educação urbana ou rural pela escola, Jean Hébrard (2001:117) observa a necessidade de três fatores: mestres capazes de ensinar a escrita; um corpo de doutrina pedagógica e:

... enfim, os instrumentos que possam permitir a escolarização dessa aprendizagem que durante muito tempo foi artesanal, limitada à relação dual do mestre com o aprendiz: tal será o papel da ardósia e do quadro negro para os iniciantes: ou do caderno para os que já têm a mão mais treinada; e também, a partir de 1860 o papel da pena metálica que libera mestres e alunos da servidão limitadora da pluma de ganso. (p. 117)

No Brasil, é necessário estudos que relacionem objetos, ideários pedagógicos e formação de professores para pensar a difusão da escrita, entretanto, pode-se dizer que ainda é difícil relacionar os objetos com a organização do ensino e com formação de professores num momento em que a própria escola começa a se institucionalizar. Sabendo da necessidade de cuidados nas afirmações sobre o uso de materiais, repertoriamos e analisamos, nesse tópico, instrumentos e suportes de escrita para alunos. Além disso abordamos algumas escritas localizadas em fontes secundárias. O quadro abaixo focaliza os suportes.

Quadro 1 - Suportes para escrita de alunos 1872/1918⁷

| | |
|------|--|
| 1872 | Lousas |
| 1911 | Cadernos para desenhos |
| 1918 | Cadernos pautados 2 linhas Cadernos de papel Resma de papel almaço superior Resma de papel almaço inferior Cadernos de calligraphia Cadernos modelo de escrita vertical de Arthur Joviano Translados de calligraphia Livro de ponto para aluno Cadernos pautados Papel para desenho Folhas de papelão pardo Cadernos azuis número 2, em branco Cadernos de calligraphia Vianna. N. 0 a 6 |

A partir do quadro acima, podemos fazer a indagação: em diferentes períodos investigados, escrevia-se em quê? Os suportes para alunos permitem supor que muitas das práticas da escrita compreendem a disciplina do traçado, inferida pela presença de translados e cadernos de caligrafia, além dos cadernos de desenho que supostamente preparam e aprimoram o gesto de escrita.

Folhas de papel almaço soltas – que talvez fossem mais propícias para o arquivamento do trabalho de alunos pelos professores - convivem com cadernos, que passam a substituir a lousa, mas não para todas situações de escrita. Podemos dizer que a presença de pedido de cadernos também não significa a sua

⁷ A suposição de que se trata de materiais destinados a alunos ocorre pelo número grande de pedido da mesma mercadoria, em contraponto com os números de unidades de suportes solicitados para a escrita burocrática escolar em número bem menor.

generalização nas escolas brasileiras e nem decorre somente de problemas econômicos ou pedagógicos, uma vez que o período de sua presença/ausência na escola primária é constatada em períodos próximos em vários países. No caso francês, por exemplo, embora tenham sido comuns cadernos de alunos de Colégio, desde o século XVI, pesquisas de Hébrard (op. cit.) vão mostrar que a presença de cadernos na França, na escola primária, vai ser mencionada a partir do primeiro terço do século XIX, mas só se encontra exemplares disponíveis a partir de 1860.

No caso dos instrumentos, em 1918 ainda encontramos solicitações de boa quantidade de um instrumento de escrita: “lápiz para pedra de lousa”, que revelam certa incipiência de suportes que dependem do papel e uma relação mais estreita entre pedagogia e materialidade que, por conseguinte, pode explicar a permanência da tradição de escrever em lousas. Sobre a presença de alguns desses suportes, Vidal e Gvirtz (1998:17) ressaltam:

No Brasil, as mesas de areia foram introduzidas na década de 1820 e utilizadas até o fim do século XIX, quando as ardósias pequenas para colocar sobre os joelhos passaram a freqüentar as escolas de primeiras letras, permanecendo estas em uso até a década de 10 do nosso século para as primeiras séries, nas grandes cidades, e até 1940 nas pequenas. Percebia-se a mesma preocupação qualitativa quanto ao uso do papel

Precisamos de novas pesquisas para investigar que lugar ocupam determinados suportes em cada nível de ensino, para qual tipo de atividade estes são empregados, se trata-se de material de uso particular ou largamente adotado em certos períodos ou se sua utilização é mais tardia por conta de aspectos materiais envolvidos. Um bom exemplo é o da presença/ausência de caderno e seus efeitos. O uso de um dispositivo gráfico como caderno escolar que condiciona modos de pensar e de organizar o saber escolar, nos modos descritos por Jean Hébrard (2001) e Anne-Marie Chartier

(2007)⁸ parece não ter se consolidado no Brasil a partir do momento em que são primeiramente solicitados esses suportes. Uma fonte interessante é a presença de uma lousa nas páginas do livro de Felisberto de Carvalho até meados da década de 30 do século XX. Na versão reformulada por Epaminondas de Carvalho (Cabrini:1994)⁹ cuja carta dos editores consta de 1934, há uma justificativa da retirada da reprodução gráfica desse suporte, no chamado “exercício logographico”, sob a alegação de que as lousas não são tão necessárias, uma vez que os cadernos já estão bem presentes nas escolas:

Sofreu ainda o livro uma modificação importante na parte material em vista da tendência, cada dia mais generalizada, para substituição de “lousas” escolares por cadernos, foram retirados os “Exercícios logográficos” em fundo preto, que acompanhavam cada lição e, em vez deles, incluíram-se modelos da caligrafia a serem copiados pelos alunos.

Para esses modelos, adotou-se a “caligrafia vertical” atualmente adotada pela maioria das escolas.

Rio de Janeiro, 1934

Os editores.

Fonte: Carvalho, Felisberto. Primeiro Livro de Leitura. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1955. 137ª Edição.

Podemos supor, pelo quadro 2, que há escritas de alunos registradas em “actas de exames” ou provas que devem constar em outros arquivos oficiais. Outros tipos de escrita podem ser inferidas do tipo de suporte solicitado, como registro de presença

⁸ HEBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Autores Associados. 2001 e CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

⁹ CABRINI, Conceição Aparecida. Memória do livro didático. Os livros de leitura de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho. São Paulo: USP. Dissertação mestrado.1994

com assinatura do próprio aluno, que precisam ser melhor investigados na consulta a arquivos escolares.

De outra forma, e numa análise da frequência e intensidade de pedidos o que significam tantas resmas de papel e tantos litros de tinta? Mais tempo de exercícios de escrita no cotidiano das escolas? Menos tempo para leitura? Se buscarmos uma relação entre estes pedidos e a presença/ausência de impressos ou materiais para a leitura, poderíamos dizer que os alunos passam mais tempo em atividades de escrita, no sentido da cópia, do que para atividades de leitura? Passam muito tempo a escrever porque se demora a aprender a ler? Escreve-se muito porque não há material para leitura?

Sobre a prática de escrever em cada um destes períodos, pode ser feita outra pergunta: escrevia-se o que? Amostras de escritas escolares cotidianas, produzidas por alunos podem ser localizadas em alguns acervos, mas grande parte delas ainda é de difícil acesso, uma vez que pode ter sido descartada pelos alunos ou conservada em espaços privados e domésticos.

Sobre outra indagação referente ao que se escreve e sobre alguns conteúdos sobre os quais se escreve, alguns materiais conservados de alunos permitem verificar o que se escrevia em 1886, por exemplo. No catálogo Museu da Escola em Minas Gerais (p.14)¹⁰, encontramos alguns exercícios manuscritos da mesma localidade em 1886: um exercício escrito de aluna, em folha, com vários tipos de letras do alfabeto e dois exercícios do mesmo aluno. O primeiro, em folha, com cópia de uma parte de um silabário: 1ª linha: *am, em, im, om, um*; 2ª linha: *bam, bem, bim, bom, bum*, totalizando 78 combinações com 17 consoantes diferentes. O segundo exercício do mesmo ano apresenta a escrita do alfabeto, pequenos textos, expressões como cidade, dia, mês e ano, todas numa mesma folha, que podem ter sido apenas copiadas, uma vez que o aluno treinava escrita de silabário no

¹⁰ Catálogo do Museu da Escola de Minas Gerais. Centro de Referência do Professor/Governo de Minas. Belo Horizonte:1998

mesmo ano. Nessa perspectiva podemos designar a escrita escolar como cópia.

Não sabemos o modo de organização dos alunos e do ensino que gerou esse tipo de escrita, mas sabemos que se anuncia nesse período uma escola republicana. Investigações sobre a relação destes tipos de escrita com a organização do ensino mútuo ou em classes ordenadas por desempenho e idade que se consolidaram no início do século XX precisam ser aprofundadas para cruzar habilidades requeridas para cada tipo de aluno e a possível distribuição dos conteúdos de escrita.

Em 1887¹¹ aparece registro de cópia de oração com palavras divididas em sílabas e outro registro, onde se vê, numa mesma página, uma escrita aparentemente desordenada e sem lógica seqüencial com cópias de letras do alfabeto, de provérbios e de expressões típicas utilizadas em alguns gêneros textuais tais como: “Ilma Senra Maria [...] de Jesus”, entre outras. Esse tipo de escrita parece se relacionar com a aquisição inicial de procedimentos de análise silábica e mais uma vez se misturam conteúdos como letras e expressões que parecem designar a mesma função para a escrita: a cópia.

Em caderno denominado “*Calligrafia vertical*” *Novo methodo de escripta por Phrasedação, n. 5 (org. a Teixeira)*¹², do catálogo *Museu da Escola de Minas Gerais*, da aluna Hermínia Moreira, da cidade de Lavras, usado em 1912, foi registrado um texto descritivo, relacionado a uma gravura posicionada à esquerda da página, com todas as características do ensino intuitivo¹³ que põe foco em processos de descrição de objetos e estampas. Neste

¹¹ Imagem apresentada no catálogo *Ler, escrever e contar*. A história da alfabetização em Minas Gerais. Museu da Escola/ Centro de Referência do Professor/Secretaria de Estado da Educação. Belo Horizonte: 2002

¹² Imagem do catálogo Museu da Escola de Minas Gerais... op. Cit.

¹³ VALDEMARIN, Vera Teresa. Lições de Coisas: concepção científica e projeto. *Cadernos CEDES*, ano XIX, n. 52, novembro 2000. P.74/87

sentido encontramos três ordenamentos: um tipo de caligrafia¹⁴, um método de escrita por fraseação e o método intuitivo de ensino. Esta é uma forma de escolarização da escrita bem diferenciada daquela apresentada no final do século XIX e pode ser relacionada a um tipo de ensino que faz corresponder, a cada classe ou ano ou série, um conteúdo específico de escrita. Nele, a escrita parece não corresponder à cópia, uma vez que se trata da produção de uma descrição, sem modelo a ser consultado. Nesse caso também pode-se estabelecer a hipótese de uma etapa diferenciada da alfabetização.

Registro de 1914, de exercício manuscrito publicado em *Ler, escrever e contar* revela outras escritas relacionadas a uma espécie de ensino cívico. Nele se registram várias cópias da mesma frase: *Bello Horizonte é a mais bella de todas as cidades de Minas*. Nessa escrita, o exercício caligráfico se junta ao valor do que se escreve. Não é preciso apenas aprender a copiar, mas copiar algo que é necessário para outros conteúdos.

Uma constatação interessante é que, em 1925, estão mais presentes os pedidos de livros para alunos do que de outros instrumentos ou de suportes de escrita. Ainda são demandados lousas, cadernos escolares e cadernos de caligrafia, mas em menor número e não se pode deduzir daí que eles tenham sido menos utilizados no cotidiano da escola. Por isto, ao cruzar os dados que demonstram uma redução de pedidos destes suportes ao Fundo de Instrução com dados que indicam uma intensificação de uma escrita contábil e financeira da própria escola, podemos indagar: teriam sido transferidas as responsabilidades de compra de material consumível para as famílias ou teriam se disseminado as práticas de recolhimento de recursos, por cada caixa escolar, para compra e distribuição mais autônoma de materiais como cadernos e lápis?

¹⁴ Um estudo específico sobre caligrafia no Brasil e sua relação com objetos e materiais pode ser consultado em VIDAL, Diana & GVIRTZ, Silvina. "O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880/1940. Revista Brasileira de Educação (8): 13-30. Mi/jun/jul/ago. 1998

O uso do impresso, teria de alguma forma, subtraído um tempo de leitura ao tempo da escrita manuscrita?

Uma aproximação com a escrita de professores e outros atores

No intuito de focalizar a escrita de professores e outros atores envolvidos na escola temos um conjunto variado de dados: a) estudos que permitem compreender conteúdo de algumas escritas (Gouveia:2003 e Inácio *et al* (2006), dados que ajudam a analisar sua materialidade e textualidade, tais como os próprios escritos encontrados no APM ou fontes secundárias como catálogo e, em terceiro lugar, dados que se baseiam apenas na análise das denominações do material de escrita solicitado em forma de listas.

Estudo de Maria Cristina Soares de Gouvea¹⁵ (2003) em torno de dispositivos de registros escolares tais como mapas de freqüência, produzidos depois de 1850, indica que neles eram registradas informações sobre comportamento e aprendizagem dos alunos, de maneira objetiva e por uma designação feita através de termos como “bom”, “mau” e “péssimo”. Em suas pesquisas também foram encontradas observações mais livres e pessoais que alguns professores registravam nestes mapas. No entanto, a autora observa que “na maioria dos registros os professores buscavam conferir visibilidade à questão da freqüência escolar, elemento central para o funcionamento da escola, mais que o aproveitamento individual do aluno” (p.213).

Pesquisas de Inácio *et al* (2006) abordam a institucionalização da instrução pública e os conteúdos mais gerais

¹⁵ Maria Cristina Soares de Gouvea. A escolarização da meninice nas Minas oitocentistas: a individualização do aluno em Cyntia G. Veiga e Thais N. L. de Fonseca. *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

dos registros nos dão pistas sobre a história da alfabetização e sobre práticas de escrita escolar. Pesquisas que temos empreendido no Arquivo Público Mineiro que implicam contato direto com vários mapas nos possibilitam verificar a materialidade, a forma e conteúdo. Sobre forma e conteúdo verificamos que o formato dos mapas é manuscrito, mas há vários padrões na forma de preenchimento em determinados períodos. Para os professores o registro é feito em folhas soltas, mas há mapas de inspetores com registro em forma de “caderno” com dados impressos.

Sobre a forma e conteúdos dos mapas podemos citar alguns exemplos. No documento *Mapas de Alumnas que frequentão a minha Aula de 1^a letras no 4^o, 3 no do anno de 1837*¹⁶, assinado por D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, “professora Publica desta I.C.do Ouro Preto” que, em outro parecer que atesta sua competência, aparece como habilitada a trabalhar com o ensino mútuo, encontramos informações objetivas sobre nomes, número e idade dos alunos que variava entre 4 e 17 anos, nomes de seus pais e faltas. A coluna de observação utiliza-se de categorias as mais variadas. Sobre menções a categorias ligadas a conteúdo aprendido prevalecem informações sobre o desempenho em escrita e apenas uma menciona “contar”: *Lê, escreve alguma cousa..* (11 anos), *Le, escreve sofrivelmente* (7 anos), *Soletra e escreve* (7 anos), *Soletra e forma letras* (6 anos), *Entrou adiantada em ler, escrever e contas* (17 anos),

Em outro mapa dos alunos, do ano de 1866, aparece uma delimitação do período de entrada do aluno e algumas informações, como por exemplo: veio com princípios de leitura, e está continuando, ou ainda, veio com princípio de leitura, e escrita, foi aperfeiçoando em Gram. Port.; Francez e se acha no 3^o ano de Latim. Em mapa trimestral da frequência dos alunos da aula pública de Instrução Primária Elementar, de 1868, constam

¹⁶ Referência: Instrução Pública/ Provas e Pareceres/ Ouro Preto
IP 3/3 Caixa 11 1830-51

dados sobre a idade do aluno, sua freqüência e falhas, descrição do seu comportamento, por exemplo, *tem sido exemplar nas aulas* e observações específicas sobre alguns conteúdos escolares:

está lendo sofrivelmente; escreve minúsculas com notável desembaraço; faz as quatro operações Arithiméticas; está bem adiantado em doutrina; Não sabe as...materias, por que ellas estão seguidas ao exame do Professor; Tem um talento raro

Mas a análise denominações feitas nos pedidos pode mostrar algumas tendências interessantes. Do ponto de vista das pistas sobre escritas de professores, diretores e outros atores convém ressaltar que verificamos, desde 1885, a solicitação de suportes e instrumentos – além dos livros impressos para leitura - que revelam aspectos da própria institucionalização da escola e da escrita burocrática escolar. Em muitas correspondências encontramos - nem sempre na mesma proporção em que se pede instrumentos e suportes para alunos - uma demanda freqüente de materiais para escrita manuscrita de professores. Abaixo os tipos de materiais mais solicitados encontrados entre pedidos, reclamações, autorização para compra, recibos, inventários e orçamentos do comércio:

Quadro 2 - Suportes para escrita profissional e burocrática de professores e outros atores da escola - 1885/1926

| | |
|------|--|
| 1885 | Livro em branco para matrícula |
| 1878 | Actas de exames |
| 1911 | Boletim escolar Ponto diário Actas Livro para protocolo geral |
| 1918 | Livro de ponto diário Livro para escrituração Livro de matrícula |

| | |
|-----------------------------------|--|
| | <p>Livro em branco Boletins escolares Boletins mensais Livros de visitas Actas de exames Ponto diário de pessoal Livro da Biblioteca Mapas de matrícula Termos de compromisso Livro de caixa escolar Diploma de aprovação em exame final Diploma de curso primário Livro de inventário Livro de termo de posse e compromisso Cadernos de aula</p> |
| <p>1924/ 1925/ 1926</p> | <p>Livros de matrícula Livros servidor de ponto diário Diários de classe Livro de entrada e saída de professores Boletim diário Compromisso e termo de posse Livro de conta para obras Termos de visita de particulares Receita de despesas de caixa Livros de sócio da caixa Livros para entrada e saída dos empregados Livros impressos para mappas Folhas de papel para mappa de frequência Folhas de papel para mappa de matrícula Folhas de papel para boletim mensal Folhas de papel para distribuição de classes Quadros murais para o ensino de Língua Pátria Quadros murais para o ensino de Arithimética Quadros murais para o ensino de Geografia</p> |

| |
|---|
| <p>Quadros murais para o ensino de História Pátria</p> <p>Quadros murais para o ensino de Geometria</p> <p>Quadros murais para o ensino de História Natural</p> |
|---|

Estas listas demonstram que a escola se institucionaliza junto com as formas de registro escrito que correspondem a cada época. No final do século XIX, livros de matrícula e actas de exames, ambos documentos comprobatórios da entrada e desempenho dos alunos. No final da primeira década do século XX, encontramos pedidos de materiais relacionados ao registro funcional de quem trabalha na escola, destacando-se o livro de ponto e os termos de compromisso. Sobre o registro acadêmico verificamos uma série de documentos comprobatórios da realização de controles e avaliação internos (os exames e a certificação de sua realização e os documentos de divulgação pública dos resultados) e registro de dados numéricos sobre alunos. Na dimensão dos recursos, verifica-se um tipo de contabilidade escolar que abarca o registro de materiais disponíveis e talvez a utilização de fundos para a caixa escolar. Apenas o livro de biblioteca indica um uso de apontamentos sobre empréstimos, a presença da idéia de biblioteca como espaço diferenciado e outras possibilidades de usos da leitura.

O suporte livro em branco e o pedido de cadernos de aula, por outro lado, talvez anuncie a utilização de escritas de caráter didático-pedagógico como planos de aula ou registros de impressões sobre determinadas práticas em sala de aula, mas precisamos descobrir estas fontes para investir na análise da forma e do conteúdo destes textos. Além disso, e como não poderia deixar de ser, tendo em vista o controle de inspeção das escolas, parece que os diversos documentos burocráticos eram construídos mais para se tornar objeto de análise de agentes externos do que para fins pedagógicos, uma vez que vão deixar suas impressões em termos de visita e levar informações para o governo sobre o funcionamento dos estabelecimentos. O aumento e a diversidade de pedidos, encontrados entre 1911 e 1918, revelam como vão se

destacando sub-categorias de suportes para dar sustentação à escrita da escola. Estes suportes e suas conseqüentes escritas podem ser pensados em vários aspectos do controle e da normatização: o pedagógico, o financeiro, o estatístico e o avaliativo. De fato, constatamos que os profissionais envolvidos também demandam, desde o final do século XIX e em vários de seus pedidos, os regulamentos, regimentos e legislações que vão condicionar suas próprias escritas.

Uma descrição cada vez mais apurada de suportes de escrita, na década de 20, mostra que os tipos de escrita funcionais continuam e que é preciso administrar mais alunos e empregados, além de registrar outras ações, tais como a compra de materiais para reforma física dos prédios e ainda contabilizar dados financeiros específicos para caixa escolar. Nessa modalidade não só se registram gastos, mas é preciso acompanhar a criação de sociedades de auxílio à escola e sua necessária administração. Outro indício permite ver que os registros escritos se tornam mais intensos, em termos de intervalos de tempo, pela idéia de boletim diário. Por outro lado, aparecem terminologias que revelam a criação de novos instrumentos e vocabulários pedagógicos como mapas de classe, mapas de frequência e de distribuição de classes, além de murais para disciplinas diversas: estas são marcas de uma tentativa de instaurar uma escola “moderna” condizente com as reformas educacionais. De fato, os professores se tornam competentes em realizar registros que lhes são demandados e parecem escrever muito.

De outra forma, se em correspondência anterior, de 1877, já se demandava “resma de papel lithographado para ofício” na década de 20 as escolas pedem que sejam enviados materiais num modelo impresso, prontos para o preenchimento, o que revela dois aspectos: de um lado a produção editorial voltada para a instituição escolar e de outro a construção de dispositivos padronizados de registro que auxiliam controle do trabalho dos professores e da escola pelo governo.

Diário de classe produzido por um professor em 1927¹⁷ em Minas Gerais, já aponta aspectos mais detalhados da escolarização dos conteúdos. Não se trata mais de informar se um aluno é ou não freqüente, ou o que cada um sabe dos rudimentos da escrita ou da aritmética, mas prestar contas sobre como os professores dividem o tempo na sala de aula, se há correspondência entre os métodos de alfabetização e o que é prescrito em um corpo pedagógico de doutrinas.

| Diário de classe ¹⁸ | | | |
|----------------------------------|-----------------------------|-----------------------|----------------------------------|
| Quarta-feira, 04 de maio de 1927 | | | |
| Disciplinas | Pontos a tratar | Meios intuitivos | Observações do inspetor regional |
| Leitura | Sentenças no quadro | Analytico | |
| Arith. | Exercícios sobre soma | Lição concretizada | |
| Escripta | Em lousas | Com modelo para cópia | |
| L. Pátria | Formação de sentenças orais | | |
| Leitura | Recapitulação da 1ª aula | Analytico | |

¹⁷ Diário de classe da professora Irene de Paula Magalhães, da coleção Luiza de Azevedo Meyer, reproduzido em Museu da Escola/Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação. Ler, escrever e contar. A história da alfabetização em Minas Gerais.

¹⁸ Diário de classe reproduzido no livro *Ler, escrever e contar. A história da alfabetização em Minas Gerais*. (op. cit.) Os pontos em negrito são impressos e as letras não negritadas representam o preenchimento manuscrito do professor.

Pode-se constatar que se entrelaçam, no mesmo suporte, formulários impressos com tópicos fixos a serem preenchidos com a escrita manuscrita do professor. Esta escrita pode ser voltada para um tipo específico de burocracia escolar, mas também testemunha sobre um conhecimento pedagógico que organiza a própria ação cotidiana em classe.

Considerações finais

Este estudo pretendeu contribuir para lançar algumas indagações sobre o papel dos materiais escolares relacionados à escrita seu significado na constituição de um primeiro momento da institucionalização da escola mineira.

Juntamente com a demanda pela maior circulação de livros, que passa a ocupar grande parte das listas de pedidos no final do século XIX e início do século XX, também se constitui uma outra cultura a ela associada: a do manuseio de materiais que constituem gestos e destrezas necessárias para o exercício físico da escrita e de uma escrita realizada por crianças na escola: uma escrita cada vez mais pedagogizada.

Os dados tratados nesse trabalho concentram final do século XIX e início do século XX, mas estudos complementares sobre um outro conjunto de fontes, como os mapas de frequência e de relatórios de delegados e inspetores podem ajudar a compreender o que se entendia por leitura e escrita e o que se praticava com estes suportes e instrumentos em cada período. Tendo como foco a institucionalização da escola mineira, Inácio et al (op. cit) revelam a natureza de alguns destes registros, no período correspondente ao início do século XIX até a década de 50 do mesmo século. Do ponto de vista dos estudos sobre a história da alfabetização temos desenvolvido uma pesquisa de mapas desde o início do século XIX para pensar um tipo de genealogia das formas de ler e escrever que antecederam o período mais focalizado nesse trabalho.

A partir de determinado período, quando os livros didáticos passam a ser objetos necessários para a construção de formas escolares baseadas no impresso, é preciso analisar a dependência da escrita manuscrita escolar ao que é ditado pelos impressos ou por novos métodos que contam com o fato de que algumas materialidades já estejam resolvidas: seja pela popularização e mudança de suportes e instrumentos de escrita, seja pelo preço do papel, seja porque se transferiu para as famílias a tarefa de suprir seus filhos com materiais pedagógicos de uso individual. Resta saber até que ponto estas mudanças injetam mais força nas atividades cotidianas de leitura e na implementação de uma cultura que equilibra a utilização do impresso em relação ao uso do manuscrito.

Alguns dados amostrais organizados por período indiciam também para um processo de institucionalização crescente da própria escola mineira, do ponto de vista do que é exigido dos professores sob a forma de registros. Do ponto de vista de práticas de escrita profissional de professores, se encontramos registros de natureza obrigatória, como mapas de frequência, percebemos que estes registros vão ganhando complexidade no sentido do que se escreve, para quem e para que se escreve, no período investigado.

Isabel Cristina Alves da Silva Frade. Professora da graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG pesquisadora do CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), da mesma universidade. Parte dos dados e da análise deste trabalho foi apresentada no Congresso Cultura Escrita, realizado na Universidad de Alcalá, em 2005 e esse artigo foi apresentado no GT 10, na 31ª reunião Anual da Anped/2008. Algumas análises são fruto do estágio pós-doutoral, desenvolvido na FE-USP e INRP (França), com auxílios do CNPq e CAPES. Este texto também se utiliza de alguns dados de pesquisa financiada pela

FAPEMIG e pelo CNPQ denominada Cartilhas escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais. MG/RS/MT/UFF/UFES/UFAM-1834-1996”, coordenada pela autora, com primeira parte publicada em FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs.). História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros – MG/RS/MT – Séculos XIX e XX. Belo Horizonte. Faculdade de Educação/UFMG/CEALE/FAPEMIG/CNPq.2006. E-mail: icrisfrade@terra.com.br

Data de recebimento:07/01/2009

Data de aceite: 15/08/2009